

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL FEMININO EM UMA SOCIEDADE EM TRANSFORMAÇÃO

CONSIDERATIONS ABOUT THE FEMALE ROLE IN A CHANGING SOCIETY

CONSIDERACIONES SOBRE EL PAPEL FEMENINO EN UNA SOCIEDAD CAMBIANTE

Silvana Aparecida Caldas de Ávila¹
Bárbara Cristina Caldas de Ávila²
Wallace Alves Cabral³

RESUMO: Esse artigo buscou apresentar, por meio de pequenos recortes históricos e relatos femininos, o percurso árduo que as mulheres trilharam para conquistar espaço e reconhecimento em uma sociedade em constante transformação. O estudo teve como objetivo discutir o fortalecimento do papel feminino nos diversos segmentos sociais, evidenciando desafios relacionados à desigualdade de gênero, ao preconceito e à desvalorização das escolhas das mulheres. A metodologia empregada fundamentou-se em pesquisa bibliográfica, dialogando com autores que abordam a temática, além da análise de narrativas de mulheres de diferentes contextos sociais, cujos relatos evidenciam experiências reais acerca dos múltiplos papéis desempenhados no cotidiano. Os discursos femininos presentes no trabalho demonstram força, resistência e capacidade de superação diante das exigências sociais e profissionais, rompendo com comportamentos historicamente pré-estabelecidos. Os resultados apontam que as mulheres já não admitem que seu poder de decisão seja menosprezado nos distintos espaços que ocupam na sociedade. Conclui-se que, apesar das importantes conquistas alcançadas ao longo dos anos, ainda há desafios a serem enfrentados para garantir igualdade, respeito e valorização do gênero feminino, sinalizando que a luta das mulheres deve continuar.

1

Palavras-chave: Mulheres. Lutas. Conquistas.

ABSTRACT: This article sought to present, through brief historical excerpts and women's narratives, the arduous path women have followed in order to gain space and recognition in a constantly changing society. The study aimed to discuss the strengthening of the female role in different social segments, highlighting challenges related to gender inequality, prejudice, and the devaluation of women's choices. The methodology employed was based on bibliographical research, engaging with authors who address the theme, as well as on the analysis of narratives from women belonging to different social contexts, whose reports reveal real experiences concerning the multiple roles performed in everyday life. The female discourses presented in this work demonstrate strength, resistance, and the capacity to overcome social and professional demands, breaking with historically pre-established behaviors. The results indicate that women no longer accept having their decision-making power diminished in the different spaces they occupy in society. It is concluded that, despite the important achievements accomplished over the years, there are still challenges to be faced in order to ensure equality, respect, and appreciation of women, indicating that women's struggle must continue.

Keywords: Women. Fights. Achievements.

¹ Mestra em Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

² Doutoranda em Educação. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

³ Doutor em Educação. Professor Adjunto da área de Educação Química. Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

RESUMEN: Este artículo buscó presentar, por medio de pequeños recortes históricos y relatos femeninos, el arduo recorrido que las mujeres han seguido para conquistar espacio y reconocimiento en una sociedad en constante transformación. El estudio tuvo como objetivo discutir el fortalecimiento del papel femenino en los diversos segmentos sociales, evidenciando desafíos relacionados con la desigualdad de género, el prejuicio y la desvalorización de las decisiones de las mujeres. La metodología empleada se fundamentó en una investigación bibliográfica, dialogando con autores que abordan la temática, además del análisis de narrativas de mujeres de diferentes contextos sociales, cuyos relatos evidencian experiencias reales acerca de los múltiples papeles desempeñados en la vida cotidiana. Los discursos femeninos presentes en el trabajo demuestran fuerza, resistencia y capacidad de superación frente a las exigencias sociales y profesionales, rompiendo con comportamientos históricamente preestablecidos. Los resultados señalan que las mujeres ya no admiten que su poder de decisión sea menospreciado en los distintos espacios que ocupan en la sociedad. Se concluye que, a pesar de los importantes logros alcanzados a lo largo de los años, todavía existen desafíos que deben enfrentarse para garantizar igualdad, respeto y valorización del género femenino, señalando que la lucha de las mujeres debe continuar.

Palabras clave: Mujer. Peleas. Logros.

1 INTRODUÇÃO

Século XXI. Estamos, irrefutavelmente, diante de uma era que pode ser considerada moderna. Tecnologias em alta, não haverá um retrocesso quanto a isso, pode se afirmar. Dias em que a telefonia móvel se mostra cada vez mais em evolução, encurta as distâncias muito mais rápido que o transporte aéreo.

E, envolto a este cenário, impregnado de desenvolvimento, ainda cabe aqui discutir o papel da mulher. Isso porque, ainda se faz necessário questionamentos acerca do crescimento do papel feminino nas conquistas nos vários segmentos sociais.

Quais seriam os caminhos para ampliar o papel da mulher nos setores em que ainda prevalecem os homens? Este trabalho traz alguns aspectos que refletem a necessidade de a mulher se destacar em todos os setores sociais, de forma significativa, transformando ainda mais as conquistas.

HISTÓRIA DE MULHERES PARA MULHERES

A representação da mulher na sociedade não foi, não é e nem será um percurso muito tranquilo. Atualmente, pode se dizer que houve avanços. Ainda não é o ideal, mas, houve avanços consideráveis. Em tempos não muito remotos, o cenário que presenciamos hoje, com algumas mulheres sublocadas em profissões e funções que antes eram restritas ao mundo masculino, envolve uma história de lutas e conquistas.

O empenho feminino perpassou vários caminhos para alcançar direitos, reafirmar seus valores e posicionamentos, fazer suas escolhas sem serem julgadas, rotuladas e excluídas. Os enfrentamentos permanecem, mas as conquistas ainda estão por vir.

Para se ter uma ideia das inúmeras lutas, o direito ao voto só aconteceu no governo de Getúlio Vargas, mais precisamente em 1932, através de uma série de reivindicações e discussões. A conquista eleitoral chegou, embora de maneira parcial, pois este exercício de cidadania fora permitido somente às mulheres casadas, com autorização dos maridos, e às viúvas e solteiras.

Nas eleições da Assembleia Constituinte de 1933, período em que as mulheres puderam, de fato, ser eleitoras e candidatar-se, consta-se que, Bertha Lutz, bióloga, de família tradicional e de grande poder aquisitivo, candidatou-se pelo Partido Autonomista, contudo, não conseguiu se eleger porque sofrera acusações de fraudes eleitorais. Fato esse que, posteriormente, foi declarado falso.

Somente em 1940, o voto se estendeu a homens e mulheres. Mas, não foi uma concessão, foi o resultado de muitas lutas durante anos. Neste contexto político aconteceu a conquista, mesmo que gradual. Atualmente, as mulheres exercem sua cidadania nas cabinas eleitorais, contudo, percebe-se um percentual muito baixo de mulheres no cenário político, envolto em preconceitos e exclusões e vários tipos de violência.

3

A primeira proposta para combater essa desigualdade por intermédio de cota para candidaturas de mulheres foi apresentada em 1993, numa emenda do deputado federal Marco Pena forte. Porém a matéria foi rejeitada sem discussão. Naquela época, o movimento feminista estava mais preocupado com temas sobre planejamento familiar, ações afirmativas no mercado de trabalho e aborto (MIGUEL, 2000, p. 24).

É preciso insistir também no fato de que, para que se obtenha uma sociedade mais democrática, é necessário que as mulheres façam parte desse cenário, uma vez que são a maioria da população e suas contribuições e pautas também são significativas. Haja visto que, tivemos uma mulher ocupando o cargo mais importante de uma nação e temos como presidente do Supremo Tribunal Federal, Rosa Weber.

Oportuno se torna citar uma conquista mais recente, 03/07/2023, Lei sancionada pelo atual presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, Lei 14.611, que garante igualdade salarial entre homens e mulheres. Segundo a atual ministra das mulheres, Cida Gonçalves, é uma grande conquista, esperada há pelo menos há 80 anos. Ainda segundo a ministra a igualdade é um direito fundamental, necessário e urgente (BRASIL, 2023, S/P).

Aliada a essa informação cabe salientar que, ainda que algumas vitórias surjam, há mulheres que sofrem retaliações, abusos verbais e assédio moral, como veiculam os meios de

comunicação. Principalmente as que ocupam cargos importantes. Contudo, há registros que essa prática não se restrinja a um grupo específico de mulheres, mas em situações onde as mulheres circulam. Ou seja, em todas, pois o universo feminino é extenso.

Para situar o leitor, citamos Michelle Perrot, escritora, cujo livro “Minha história das mulheres”, mostra como se deu o percurso da própria autora. Do silêncio à palavra, Pinsky coloca que foi testemunha e atriz de episódios em que sua experiência, de maneira significativa, aponta a realidade de muitas mulheres no contexto histórico dos anos 1950. O livro não traz em seu conteúdo a biografia de mulheres, mulheres específicas, conforme a própria autora, mas de todas as mulheres.

A história das mulheres e mesmo as próprias mulheres não eram meu interesse inicial. Adolescente, o que eu queria era ter acesso ao mundo dos homens, o mundo do saber, do trabalho e da profissão. Minha família não opunha obstáculos. Meus pais eram francamente igualitários, feministas sem teoria, e me incentivavam em meus estudos e em minhas ambições (PERROT, 2007, p. 13).

Segundo Perrot (2007), naquele tempo o que predominava era o econômico e o social, dominado, claro, pelo universo masculino. Às mulheres, cabia o trabalho em indústrias têxteis.

Perrot (2007) destaca ainda que a classe operária era vista como elemento central do destino social e econômico da sociedade, sendo considerada a parcela mais numerosa e também a mais pobre, marcada pelas opressões e injustiças da época.

Todavia, houve um tempo em que se insistia em conhecer as mulheres. Não se sabe se por incertezas ou inseguranças, mas ainda hoje a pergunta persiste:

As mulheres têm uma história? Não estávamos certas de que as mulheres tivessem uma história, ainda mais pelo fato de que o estruturalismo de Claude Lévi-Strauss insistia no papel da mulher na reprodução e no parentesco: “Troca de bens, troca de mulheres” (PERROT, 2007, p. 15).

No entanto, as histórias sobre estes seres humanos estão cada vez mais reflexivas. Atualmente as mulheres buscam posicionamentos que as colocam em uma situação, não de insegurança, acanhamento, mas de reafirmação de sua posição em uma sociedade que ainda as fazem se sentirem negligenciadas em alguns segmentos.

DESCONSTRUINDO OS PARADIGMAS SOCIAIS

É possível pensar as mulheres sem atribuir a elas as funções que desempenharam e desempenham: as de mães, funcionárias de fábricas, entediadas, estressadas e frustradas diante da insólita vida que viviam, ou se achavam predestinadas a viver. Decerto, todas passam por

esses rompantes, embora estes não sejam específicos do gênero feminino. Contudo, os intrépidos não as definem nem a caracterizam.

Em seu livro, Woolf (2013) apresenta reflexões acerca da desvalorização das mulheres ao destacar que, historicamente, elas eram vistas como dependentes dos homens e limitadas a ocupações consideradas socialmente aceitáveis, como governantas ou costureiras.

Diante dessas palavras e por tais razões é possível admitir que, se ainda não conseguimos alcançar o respeito de uma sociedade em evolução, é porque ainda falta ao gênero feminino a percepção de que o coletivo é o ponto de partida.

Se nos permite o(a) leitor(a), busca-se aqui romper com o título de “sexo frágil”, tão sutilmente citado na música “Sexo frágil” de Erasmo Carlos, 1980. Embora seu autor tenha propagado o poder da mulher, o título, numa visão mais crítica, remete às mulheres outrora submissas, que abandonaram seus sonhos em detrimento dos cargos restritos aos de mãe de família, em que se exige habilidades para cuidar de filhos e maridos que nem sempre lhe dão o devido valor.

Segundo Estes (1999), existe em cada mulher um sentimento obscuro, que as fazem se sentir “enjauladas”, quando não fazem o que lhes dá prazer.

As mulheres infelizes no casamento agem assim. As mulheres forçadas a se sentirem inferiores agem assim. As mulheres cheias de vergonha, as que temem ser punidas, expostas ao ridículo ou à humilhação agem assim. As mulheres com instintos feridos agem assim. Esconder o que se faz só é bom para a mulher no cativeiro se ela esconder o que for certo, só se o que ela esconder for exatamente o que a levará à libertação. No fundo, o ato de esconder fragmentos de vida que sejam corajosos, benéficos e que deem satisfação faz com que a alma fique ainda mais determinada a erradicar a mentira para ter a liberdade de viver a vida abertamente como bem lhe aprouver (ESTES, 1999, p. 178).

Não é possível uma alma que anseia pela liberdade, observar suas asas serem tolhidas. Sua ambição pela vida requer muito mais que um pouco de ar para respirar. Nesse sentido, Estes (1999) destaca que existe, na mulher, uma força interior capaz de impulsioná-la na busca por liberdade, autonomia e realização pessoal.

Falar de liberdade remete à escravidão. A história da escravidão não teria sentido sem a presença das mulheres. Mais uma vez a força e a coragem estão presentes, embora na invisibilidade. Isso porque, não raro vemos e ouvimos depoimentos de mulheres negras que precisam buscar seu espaço numa sociedade que ainda não aprendeu a respeitar a diversidade.

Silva (2010, p. 2) corrobora com esta afirmação:

Encontramos essas mulheres definindo seu espaço através de sua identidade, resistindo a escravização e conseqüentemente transformando-se em agentes construtoras de suas

histórias, deixando suas marcas e legados para a sociedade em todos os segmentos, entre esses legados destaca-se a religião, espaço utilizado pelos escravos como refúgio e encontros geradores de afinidades, lugar onde amor, respeito, solidariedade e obediência eram elementos indispensáveis à construção de laços afetivos, movimentos defensivos à dominação.

Os tempos de escravidão ficaram para trás, pelo menos é o que consta dos documentos oficiais, mas a sensação de não pertencimento, para algumas mulheres negras ainda persiste. No Brasil, ser mulher e negra ainda é um desafio que precisa ser superado a cada dia. Principalmente se essas mulheres são solteiras e independentes.

O preconceito causa dor, insatisfação, mas tem que ser combatido dia a dia. E este absurdo está presente nos espaços sociais. Desde a mais tenra idade, crianças e adolescentes vivenciam o preconceito racial. Nas ruas, nas escolas, universidades. E é esse olhar, de pré-julgamento, que precisa ser banido da sociedade.

A sociedade escrava fez uma história. Os pretos são protagonistas de toda essa sociedade que insiste em menosprezar, às vezes de forma sutil, às vezes violentamente, mulheres e negros. Não existe mais espaço para esse tipo de pensamento e atitude. É preciso o enfrentamento no sentido de construir uma nova sociedade sem resquícios dessa insanidade.

Paralela à época da escravidão, haviam mulheres que não eram escravizadas, oficialmente, mas tinham sua liberdade cerceada. Só podiam sair junto com seus maridos e cuidar dos filhos. Tinham a ajuda das pretas subordinadas, mas não tinham o poder de escolha. Eram escravizadas. Só não sabiam. Perrot (2007, p. 16) diz que:

Os homens são indivíduos, pessoas, trazem sobrenomes que são transmitidos. Alguns são “grandes”, “grandes homens”. As mulheres não têm sobrenome, têm apenas um nome. Aparecem sem nitidez, na penumbra dos grupos obscuros. “As mulheres e as crianças”, “primeiro”, ou ao lado, ou para fora, dependendo do caso: a expressão clássica traduz essa globalização. No começo de *Tristes tropiques*, Claude Lévi-Strauss descreve uma aldeia depois da partida dos homens para caçar: não havia mais ninguém, diz ele, exceto as mulheres e as crianças.

Já nos anos 60, convencidas de que, finalmente, eram capazes de prover, junto ao marido, as finanças domésticas, saíram em uma dupla jornada, a fim de conciliar as tarefas de casa com outras funções no mercado de trabalho. Fora o momento de emancipar, um primeiro passo para a liberdade e a busca da identidade.

A preocupação das mães, restrita à suas funções de dona de casa, zelando pelos filhos e a educação dos mesmos ficara para trás. Agora crescidos, o entendimento que faltava outrora a essas mulheres para deixar seus filhos seguirem seus caminhos surge.

A independência dos filhos já não as incomodava. Neste contexto, era inadmissível abdicar de tudo para não deixar os filhos partirem. Era o fim da mulher protetora. O fim de uma geração que abriu mão de valores românticos, como o casamento estável e filhos em prol de uma carreira promissora.

Felizmente, somente em outros tempos, era possível perceber essas funções, atribuições e sentimentos que não cabem no contexto atual. A sociedade insistia em atribuir principalmente às mulheres os estereótipos que as colocavam em um patamar de comportamentos pré-estabelecidos.

Todavia, em tempos atuais, existem mulheres que buscam, mesmo sabendo que ficam sobrecarregadas, conciliar a vida profissional e a função de mães. Os papéis diferem muito e demandam, ambos, responsabilidade. No entanto, elas sabem que já não precisam ser perfeitas.

O silêncio ainda não se rompera. O vazio ainda estava ali. A trajetória profissional e os anseios pela maternidade ou o casamento perfeito não conseguiram preencher sequer os vazios existentes nas mulheres. Para muitas, há uma concepção que a maternidade é considerada uma “carruagem” que a mulher carrega. E a “carruagem” pode influenciar negativamente em diversas escolhas.

Assim, a romantização da maternidade apontava o que deveria ser deixado para trás. As mulheres fizeram suas escolhas. Era, portanto, chegado o momento de poder usufruir por cada uma delas. Faltava-lhes o direito de viver essas escolhas.

Uma dessas opções é a de não ter filhos. A sociedade, com certeza, as recrimina. Mas, elas quiseram exercer o direito a não ter filhos. Por inúmeros motivos abdicaram da maternidade. É a oportunidade de se fazer respeitada por algo que partiu de uma escolha, um modo de ser mulher sem precisar seguir as “regras” sociais.

No entanto, há registros de que, no século XIX, houve situações em que as mulheres não tinham liberdade de escolha.

Annick Tillier pesquisou a respeito do crime principal das mulheres no século XIX: o infanticídio, nas aldeias da Bretanha ocidental. Essa pesquisadora examinou detidamente os processos sobre a questão: 29 são camponesas, em sua maioria criadas de propriedades rurais, que, por não suportarem a maternidade indesejada, suprimem os rebentos em circunstâncias sórdidas (PERROT, 2007, p. 27).

Não se identificar como mãe, não conceber a ideia de ser responsável por alguém pelo resto de sua vida são alguns dos motivos que levam mulheres a optar por não ter filhos. E, absolutamente, não é por falta de competência. É somente usufruir de um direito que a sociedade as obrigava a assumir.

Contudo, há outras escolhas. Em tempos idos, a educação dada à mulher era a de preparação para o casamento. Somente uma pequena parcela da população feminina tinha o privilégio de ter acesso à qualificação profissional.

Entretanto, algumas mulheres não trouxeram consigo a vontade de se qualificar. Elas fizeram sua opção em ficar em casa cuidando dos filhos. Sim. É uma escolha, e cabe somente às mulheres que as concebem, definir essa opção como um objetivo de vida. Cuidar dos filhos, da educação e da vida deles é o caminho que muitas mulheres consideram a melhor opção para construir uma relação mais feliz.

Mas, nem sempre é assim. Uma vez por outra, percebe-se ou se ouve falar de mulheres nas quais aflorou a percepção de que, para se ter uma vida de sucesso, feliz, é preciso viver sozinha. Ser mãe, filha, esposa, avó, pode atrapalhar muito no desempenho de uma vida de sucesso.

Viver sozinha e independente são, para algumas espécies femininas, o ideal de vida. Certamente, fortes e inteligentes que são, se permitem fazer suas próprias decisões e assim aproveitar suas conquistas em todos os âmbitos: no amor, na saúde e no trabalho.

As escolhas aqui refletem o que as mulheres querem e o que é melhor para cada uma. Porém, entre meados de 60, uma grande parte da sociedade insistia no papel da mulher submissa, que precisava dedicar-se à vida doméstica. Essa porcentagem representativa ainda pesava nas escolhas de algumas mulheres.

Esta parcela social dizia que as habilidades de dona de casa e as atribuições profissionais fora dela atrapalhariam e jamais poderiam ser conciliadas. Os filhos não teriam a presença constante da mãe e as obrigações conjugais estariam em jogo.

Houve um avanço, como já havia sido dito. É preciso mais. A realidade atual chega a acolher os sonhos de novos tempos, é significativa e, por que não, representativa. Por isso mesmo é chegado o momento de se romper o que restou do silêncio e escrever a história de algumas mulheres, com cada limitação, sonho, objetivo.

FRAGMENTOS DA FORÇA FEMININA

Pelos dados da pesquisa do IBGE (2023), a população brasileira feminina é 50,8% do total de brasileiros. E os meios de comunicação indicam que esse gênero busca cada vez mais seu espaço em uma sociedade que ainda sofre com o preconceito, o racismo e a discriminação das mulheres.

Embora o cenário requeira muita discussão, reflexão e lutas, as mulheres já podem comemorar. Existe um fortalecimento do gênero feminino nos diversos segmentos sociais. Nos últimos 40 anos o pano de fundo mostrava que os avanços eram apenas retóricas de uma minoria.

Mais saudáveis, empreendedoras e com enorme poder de decisão, muitas mulheres podem projetar um futuro promissor. No entanto, ainda há espaço para melhoras. A independência e autonomia é um sonho que precisa ser um anseio de muitas. E a educação é o grande passo para isso.

Quando falamos em educação, afirma-se que o acesso à escola de modo geral é considerado satisfatório. Houve uma queda na taxa do analfabetismo entre 2019 e 2022. É o que mostra a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Da mesma forma, ao se referir ao gênero, a pesquisa aponta que:

O analfabetismo entre idosos atinge mais mulheres do que homens. No entanto, considerando a população com 15 anos ou mais, o cenário se inverte: não saber ler e escrever 5,9% dos homens e 5,4% das mulheres (MONITOR MERCANTIL, 2023, S/P).

Sendo assim, as mulheres estão ocupando as cadeiras escolares. Caberá a elas transitar, num futuro muito próximo, cada vez mais, nas grandes instituições, como educadoras e/ou pesquisadoras, tendo como aliadas a ciência e a tecnologia, mercado que ainda é ocupado, em sua maioria, pelos homens.

Mas, afinal, o que as mulheres querem? O que elas precisam além da imensa força e a coragem que cada uma tem?

Reunimos aqui relatos de algumas mulheres. O objetivo é trazer histórias reais de mulheres fortes, empreendedoras, mães e profissionais dedicadas que representam esse gênero tão desvalorizado.

Nada mais incitador que conhecer as histórias de mulheres reais para inspirar outras mulheres. Os depoimentos colhidos mostram que são muitos os desafios. Elas precisam lidar com a diversidade de funções e também com as adversidades. Mas a força feminina permite que cada uma, à sua maneira, surpreenda com coragem, responsabilidade e muito afeto.

O fornecimento do material se deu por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ademais, a identificação dos sujeitos do trabalho se deu pelo apontamento dos pseudônimos estabelecidos por elas, de forma a garantir o anonimato.

As narrativas foram coletadas através de textos do aplicativo de WhatsApp. Impossível conseguir um momento para que elas pudessem fazer uma entrevista. A rotina diária não permite que tenham este espaço. Contudo, todas, sem exceção, se prontificaram a responder às questões norteadoras propostas:

1. Como vocês, com filhos, maridos, namorados e o lar, vida social, lazer e trabalho, que necessitam do olhar feminino, conseguem gerenciar toda a rotina?
2. Como manter o equilíbrio, a qualidade do trabalho e a tranquilidade mental em todos os segmentos?
3. Qual é o aprendizado mais valioso em sua jornada com o acúmulo das funções femininas? As adversidades contribuem para fortalecer as buscas por soluções?

As quatro participantes que integraram o presente trabalho estão especificadas na Tabela 1, segundo pseudônimo escolhido, idade e ocupação/formação.

Tabela 1 – Identificação dos sujeitos do trabalho

Pseudônimo	Idade	Ocupação/Formação
Helena	45-55	Diretora de Escola Municipal
Elisa	35-45	Educadora, licenciada em Matemática, pós-graduada em Educação Empreendedora
Lúcia	50-60	Auxiliar em ortopedia na confecção de palmilhas ortopédicas
Regina	35-45	Educadora do Ensino Fundamental I e II, licenciada em Letras, Literatura e Pedagogia

Fonte: ÁVILA; ÁVILA; CABRAL (2026).

As narrativas dessas pessoas mostram que todas lutam todos os dias, travam batalhas em um mundo cheio de preconceitos e empecilhos, contudo, não desistem e buscam ser felizes com suas escolhas.

A vida começou aos quatorze anos. Dobrava cobertores e costurava coadores nas fábricas. Naquele tempo, as amizades eram muito significativas, tanto que permanecem até hoje, 40 anos depois. Era o suporte para que pudéssemos suportar as batalhas dos anos 70/80.

As responsabilidades nos fizeram crescer. Estudávamos até o sétimo ano porque precisávamos ajudar os pais no sustento de casa. E nesse contexto de desigualdade social e lutas cotidianas, duas outras crianças nasceram. A mãe, ainda criança, precisava mais do que nunca, trabalhar. A educação teria que esperar. A avó das crianças fazia o deslocamento até a fábrica a fim de amamentar as crianças. A dificuldade maior era enfrentar as más línguas. Não foi fácil. Mas hoje sou avó. Continuo minha vida e a habilidade com a costura me ajuda a viver dignamente (Lúcia, auxiliar em ortopedia na confecção de palmilhas ortopédicas).

Muitas mulheres prezam, hoje, uma boa conta bancária. Relatos como esses mostram que lutas diárias norteiam ações que trazem benefícios. Compartilhar as habilidades e os serviços ressignificam a vida de muitas mulheres e as transformam em pessoas que vivem plenamente e em sintonia com elas mesmas.

Muito se espera de uma sociedade que está sempre conectada. Mas, o que esperar da mulher que leciona nesta e para esta sociedade? E se, em especial, ela trabalhar com a língua materna? Seriam diferenciados os olhares destinados a este alunado? Certamente, o contato irá muito além do processo ensino-aprendizagem, fato que traz à mulher docente um papel imensuravelmente importante para ela e para os demais. [...] Em meus 25 anos de docência, com a rotina de trabalho e estudo aliada à amplitude dos afazeres femininos, não há como negar que as mudanças trouxeram uma gama de novas responsabilidades. [...]. Mas pensar que isto basta é um erro! É imprescindível ter olhos maternos e medicinais que gerenciem as carências e o emocional de quem está acometido pela instabilidade que preenche as salas de aula do momento. A Educação, na verdade, está no amor! Desta forma, a função de professora faz-me equilibrar em diversos setores dentro dos muros da escola e também fora deles: os papéis exercidos como mãe, psicóloga, mulher, filha, dona de casa, gestora das contas e por aí vai. A abertura de possibilidades para a mulher significa também assumir vários papéis que acatem muitas e muitas obrigações. E não é um querer à revelia! É preciso entender que o destino econômico não se curva ao destino da mulher que somente trabalha fora como o do homem, mas sim a que se desdobra em múltiplas 'personas' em prol da vitória de uma luta muito sonhada. Infelizmente, o lazer fica um tanto quanto aquém ao meu universo, fato que venho tentando sanar, todavia 'o jogo de cintura' precisa ser grande. O emocional precisa ser bem trabalhado e, com uma mente equilibrada, portando convicções bem definidas, é menos provável que este papel feminino esteja fadado ao fracasso. Acredito que o segredo para que o feminino chegue aos setores que lhe cabem, a mulher precisa entender que não é uma máquina; que apesar de desejar realizar "tudo" sempre, (e muito bem, diga-se de passagem) isto pode lhe custar muito desgaste e frustração. Ante a um triunfo que não deseja ter desapontos, a mulher/professora pode chegar aonde ela deseja, mas somente ela sabe o momento de frear e de dosar. Tenho satisfação em visualizar que pude me tornar quem me tornei, uma mulher que tem em si muitas mulheres que urgem pela realização em sentido global e, como uma mulher multitarefas, não desistindo de estar 'globalizada comigo mesma', visando a uma competência não maior nem menor, mas funcional, crítica, observadora e transformadora, projetando o novo para mim e para os meus. [...] A luta continua e a força tarefa não pode ceder ao cansaço. E a conexão feminina? Esta é uma conexão multi, conexão banda larga... é uma potência que independe do Wi-Fi (Regina, educadora do Ensino Fundamental I e II, licenciada em Letras, Literatura e Pedagogia).

É comum encontrarmos mulheres que fizeram suas múltiplas escolhas e ainda assim se sentem plenas. Adotar uma meta e assumir um rumo é muito mais que uma opção, é encontrar a definição do sentido da vida. É uma reflexão que traz inquietudes para seu modo de existir. Com certeza, a luta continua.

Aventurar-me na dupla jornada no mercado de trabalho e a missão de ser dona de casa se tornou um ato de coragem em minha trajetória. Conciliar as demandas domésticas (infinitas e repetitivas), as burocráticas funções administrativas e a demanda como professora na área de exatas, mantendo-me atualizada para suprir as diversas necessidades exigidas pelos meus alunos, inicialmente, provocou crises de ansiedade, picos de estresse e medo de não conseguir ser produtiva e ter excelência em minhas demandas. Foram momentos difíceis que sucatearam meus relacionamentos:

inicialmente comigo, com familiares, amigos e até mesmo companheiro. Para driblar e ter êxito nessa tentativa de conciliação de tantas exigências foi preciso balancear e reorganizar objetivos e, com certeza, renunciar a alguns sonhos. Compreender que para ser mulher seria necessário ceder aquele tempo de especialização para cuidar da “janta” era muito novo e confuso pra mim, mas teria que me adaptar ao optar pela decisão de ser dona de casa. Como residente da área rural pude perceber que as coisas seriam um pouco mais difíceis e a possibilidade de abandonar as demandas domésticas, ou torná-las menos intensas (ainda que conseguisse torná-las menos exaustivas), não foi uma realidade plausível, dedicar apenas ao meu desenvolvimento profissional, impossível. O medo, a insegurança, o receio ao julgamento de não ser capaz, fizeram-se presentes em diversos momentos. Manter minha saúde mental e física se tornou uma atribuição necessária e, somente foi real quando identifiquei que, ser saudável implicava diretamente em todos os setores pessoais e profissionais, nos quais eu esperava ter sucesso. Inicialmente me desprender dos pré-julgamentos de que nós mulheres devemos dar conta de tudo e, me permitir fazer pausas e criar tempo para cuidar de mim foi uma decisão importante para o processo de sanidade mental.

Atualmente não me permito prender a uma rotina somente de trabalho. Assiduamente, conforme faço com minhas responsabilidades (seja profissional ou doméstica), tenho bem definido meu momento de zelo pela minha saúde mental e física, bem como pelas minhas relações fraternas. Procurei realizar processos de autoconhecimento para conseguir redefinir prioridades e deixar alguns objetivos para depois, em alguns casos até mesmo desistir.

Conhecer mais sobre o corpo feminino, sobre minhas limitações, permitiu trazer mais leveza para minha rotina. Estrategicamente ao conhecer melhor o funcionamento do corpo foi possível readaptar a rotina: definir demandas mais intensas para os períodos em que me encontro fisicamente e mentalmente mais produtiva, otimizando assim os processos e relacionamentos (Elisa, educadora, licenciada em Matemática, pós-graduada em Educação Empreendedora).

12

Muitas mulheres se reconhecem neste relato. As escolhas que fazemos nos permitem viver mais e felizes. Conhecer a si mesma, seu corpo e suas limitações trazem satisfações incomparáveis. É fazer o que ama, trazer benefícios para si mesma e para os que estão à sua volta.

Em minha infância sempre brincava de casinha e escolinha com minhas amigas, porém nunca tive o sonho de ser professora. Ingressei na educação em agosto de 1990 por falta de opção, precisava trabalhar. Contudo, em pouco tempo os meus olhos brilhavam somente em pensar nos meus alunos, percebi que ali estava a minha realização.

São muitos anos dedicados à educação como professora e como gestora escolar e muitas mudanças vivenciadas. Ultimamente nos deparamos com o advento da tecnologia que leva o professor a se reinventar a cada dia e a capacitar-se para poder ministrar aulas que prendam a atenção dos alunos que estão cada vez mais distraídos com seus aparelhos celulares, visto que não sabem utilizá-los para o aprendizado. Deparamos também com a falta de estrutura e conhecimento para incorporar as inovações que acontecem cada vez mais rapidamente. Inúmeros são os desafios enfrentados pelo gestor no ambiente escolar. Desafios que vão desde o emocional com histórias de vida em que pessoas buscam a empatia até partes burocráticas que ‘parecem’ não ter soluções. Consequentemente, além do âmbito escolar temos nossa vida pessoal em que

pais, irmãos e marido precisam de nossa presença e que é cada vez mais cobrada por eles. Saber administrar esse tempo é como montar um quebra-cabeças e há momentos em que sacrificamos algumas horinhas de sono para dedicarmos ao trabalho e consequentemente sobrar um 'tempinho' para ficar com os familiares. É sabido que a saúde mental está intimamente ligada à saúde física e vice-versa, quando uma não vai bem a outra também é afetada. Atividades com plantas e a caminhada descontraída ao anoitecer são ótimas opções para o relaxamento mental, tento praticar sempre. A maturidade nos faz mudar a maneira de pensar. Exemplificando, no momento atual, me questiono ser necessário ou não fazer uma atividade doméstica ou deslocar até outro local. Às vezes o tempo que gastaria com tais atribuições pode ser destinado a atividades que nos darão momentos de contentamento e que serão guardados para sempre em nossa memória (Helena, diretora de Escola Municipal).

De fato, são inúmeros os desafios enfrentados pelos gestores. Com o advento tecnológico, equipes educacionais precisam se reinventar para conseguir atenção dos alunos, nativos digitais. Para as mulheres essa reinvenção acontece dia após dia, pois já aprenderam a lidar com os vários papéis que precisam desempenhar no seu cotidiano.

É preciso cuidar para que esse ritmo de ser mulher não provoque angústias nas escolhas entre ser mãe, esposa, profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo trazer alguns recortes dos caminhos que as mulheres traçaram ao longo dos últimos anos. Os grandes avanços e as conquistas por meio de

13

verdadeiras batalhas.

O trabalho, mais especificamente, contribui, em forma de pequenos recortes de alguns percursos e batalhas femininas a fim de que, leitores e leitoras conhecessem fragmentos de realidade do papel da mulher na construção de uma sociedade.

O estudo e referências deste trabalho apontam que a mulher, em seus vários e distintos papéis, não suporta mais as desigualdades de gênero, muito menos ver seu poder de decisão ser menosprezado.

As pesquisas apontam ainda que há desafios a serem enfrentados. A violência e o preconceito racial permanecem presentes na sociedade. Desigualdade de gênero e racismo só demonstram a incapacidade de sermos mais humanizados.

Espera-se que as contribuições desse texto permitam um novo olhar para as mulheres que ainda acreditam que podem ser excluídas do mundo profissional em detrimento da família, que as suas escolhas não são importantes e que há muito para serem valorizadas. Houve muitas conquistas. E isso é muito bom. Mas a luta continua. É um caminho sem volta.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidente sanciona lei que determina igualdade salarial entre homens e mulheres. Brasília: Planalto, 2023.

ESTES, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MIGUEL, Sônia Malheiros. *A política de cotas por sexo: um estudo das primeiras experiências no legislativo brasileiro*. Brasília: CFEMEA, 2000.

MONITOR MERCANTIL. IBGE revela desigualdade no acesso à educação e queda no analfabetismo. Agência Brasil, 2023.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, Maciel Pereira. Mulheres negras: sua participação histórica na sociedade escravista. *Cadernos Imbondeiro*, 2010; 1(1).

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&PM, 2013.